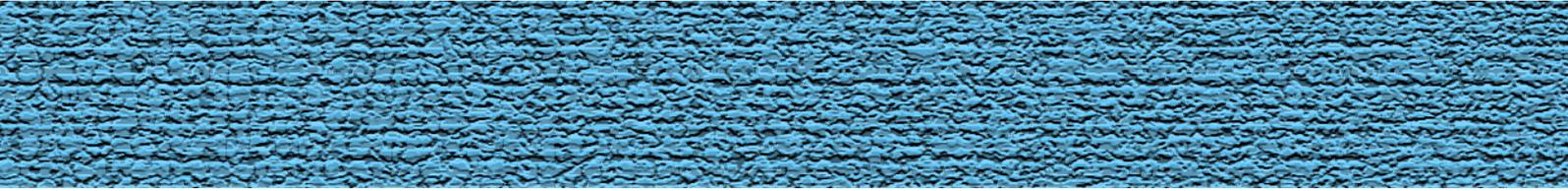
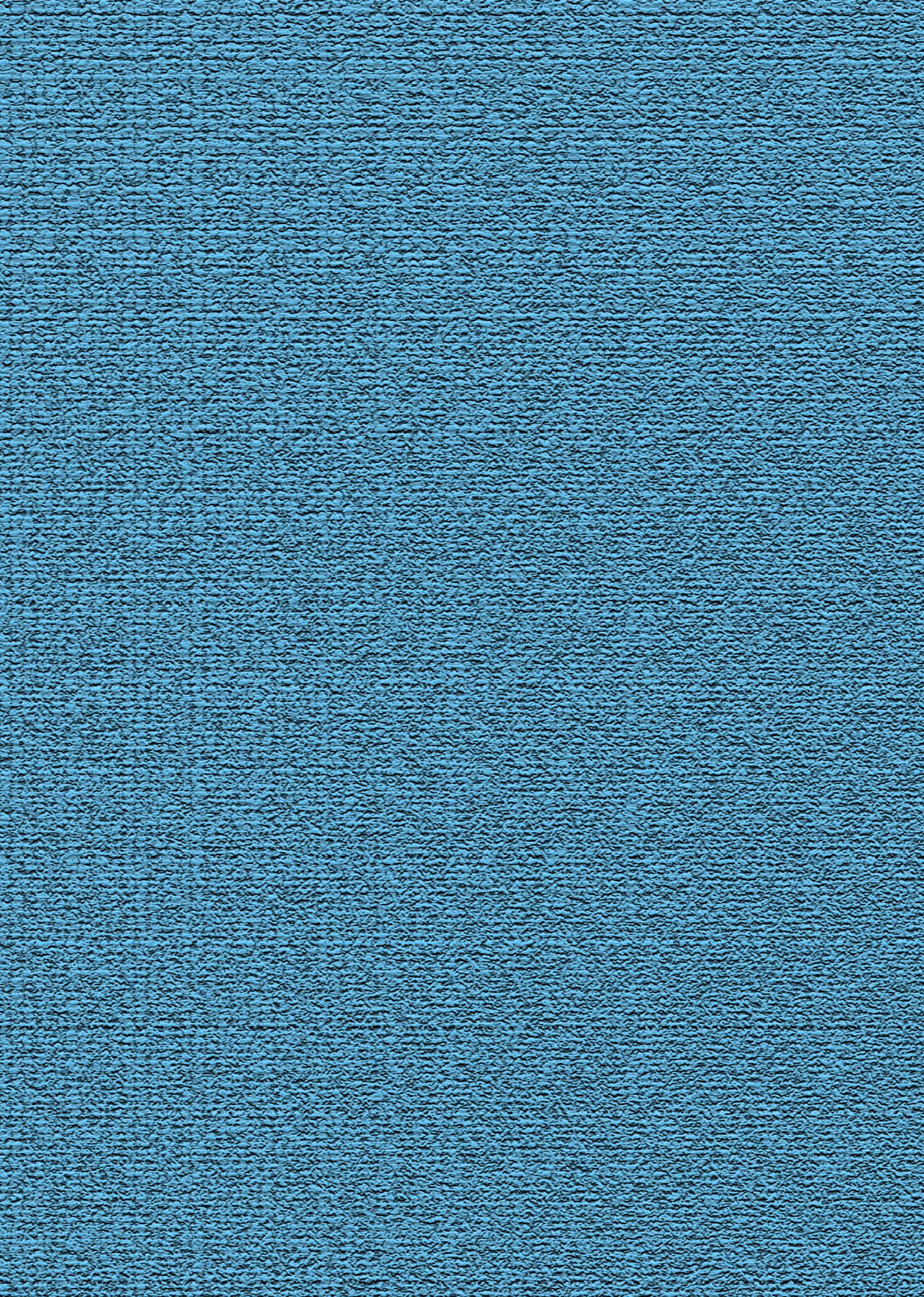


TRADUÇÕES





Certos métodos da investigação-(trans)criação: A (etno)poética de Jerome Rothenberg

Heriberto Martínez Yépez^{1 2}

Tradução de

Adriano de Lima³

Manuela Arcos⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão de

Natália Scalvenzi⁵

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Jerome Rothenberg, na sua condição de poeta e pesquisador da cultura, criou no final da década de 1960 o termo etnopoética para explicar alguns dos fundamentos que considerava importantes para a construção de identidades e imaginários sociais, distanciando-se das concepções antropológicas habituais e se aproximando da produção de recursos poéticos, literários e artísticos. Apresenta-se a seguir a etnopoética como um conjunto de abordagens e um método de pesquisa cujo fundamento é a compreensão dos processos particulares das culturas humanas.

Palavras-chave: Jerome Rothenberg. Etnopoética. Artes e poesia. Identidades culturais.

Certain methods of investigation-(trans)creation: The (ethno)poetics of Jerome Rothenberg

Abstract: Jerome Rothenberg, in his condition as poet and cultural researcher, produced in the last years of the 1960's, the concept ethnopoetics to explain some of what he assumed as foundations to the building of identities and social imaginaries beside the common anthropological subjects and closer to the production of poetic resources, artistic and literary of them. Here is a group of

¹ Professor e pesquisador na Universidade Autônoma da Baixa Califórnia. Licenciado em Filosofia e mestre em Psicoterapia Gestalt. Doutor em Línguas e Literaturas Hispânicas, na Universidade da Califórnia, Berkeley. E-mail: heribertoyopez@gmail.com.

² (n.t.) Este texto foi publicado inicialmente em língua espanhola na revista Societarts. Revista de Artes y Humanidades, v.1, n.1 de 2012. Agradecemos ao autor, Professor Heriberto Martínez Yépez, a autorização para a publicação desta tradução, bem como aos editores da Revista Qorpus, Prof^a Dr^a Dirce Waltrick do Amarante e Prof^o Me. Willian Cândido Moura.

³ Estudante do curso de Bacharelado em Letras – Tradutor em Português/Espanhol na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: adriodelima@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3286-0473>.

⁴ Professora de Tradução do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutoranda em Terminologia e Tradução pela mesma universidade. E-mail: arcosmanuela@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2647-5341>.

⁵ Estudante do curso de Bacharelado em Letras – Tradutora em Português/Espanhol na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: nataliascalvenzi@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0363-938X>.

approaches to ethnopoetics as a research method whose foundation is to understand the peculiar processes of human cultures.

Keywords: Jerome Rothenberg. Ethnopoetics. Arts and poetry. Cultural identities.

*“Ali onde a intuição se une à investigação precisa se acelera o progresso...
As portas que levam a esse âmbito estão abertas há algum tempo”.*
Paul Klee (apud CIRLOT, 2007).

I

O termo *etnopoética* foi criado por Jerome Rothenberg em 1968. Rothenberg, então, publicava sua primeira versão da antologia *Technicians of the Sacred* [Técnicos do Sagrado], que congregava poemas e outros materiais de culturas xamânicas da África, América, Ásia e Oceania. A etnopoética de Rothenberg começou como uma exploração de materiais tribais, indígenas ou primitivos de outras tradições não ocidentais (ROTHENBERG, 1985). Não era a primeira vez que um poeta norte-americano se interessava por essas poéticas. Ezra Pound já tinha feito acenos a poéticas como a chinesa ou a egípcia, e Charles Olson, emulando-o, vislumbrou o sumério e utilizou a apropriação de certa informação etnográfica e bibliográfica sobre os mayas, digamos, para fabricar sua própria poética, tal como registram alguns ensaios seus ou as *Mayan Letters* [Cartas Mayas]. Rothenberg retomou esta tendência e deu-lhe maior sistematicidade.

O ponto de partida foi a tradução, práxis equidistante entre investigação e criação. Rothenberg queria divulgar poesia de outros povos fora de um contexto puramente etnológico, *acadêmico*, ao mesmo tempo que destacava o caráter artístico dessas fontes originais e sua própria tradução. Ele dignificava e, acima de tudo, apontava a complexidade estrutural da poesia “primitiva”. A etnopoética nasceu para deixar de traduzir e apresentar poéticas não ocidentais de forma plana: Mallarmé colocado a serviço da Amazônia.

Foi assim que Rothenberg definiu sua etnopoética 25 anos depois:

ETNOPOÉTICA

(1) Uma abordagem comparativa em sentido à poesia e às artes relacionadas, com uma ênfase característica, mas não exclusiva, nas culturas sem Estado ou pouco tecnológicas e nas formas orais e não letradas [não alfabéticas] de expressão verbal. (2) A poesia e as ideias sobre a poesia que deste modo são observadas ou estudadas. (3) Um movimento ou tendência na poesia contemporânea, na literatura e nas ciências sociais (a antropologia em particular) dedicadas a tais interesses.

A história desta etnopoética abarca ao menos os últimos duzentos anos, durante os quais têm funcionado como um questionamento da poética culturalmente fechada e da poesia da “alta cultura europeia”. Ainda que a designação “etnopoética” tenha sido criada de modo muito posterior, a interrogação tem sido impulsionada, às vezes, de modo separado, às vezes entre discursos interrelacionados entre filósofos, eruditos, poetas e artistas. Está claramente vinculada com os impulsos em direção ao primitivismo tanto no romantismo quanto no modernismo e com as tendências de vanguarda que exploram formas novas e alternativas de poesia e que subvertem perspectivas normativas sobre os valores tradicionais e as reivindicações por parte da “civilização” de ter hegemonia sobre outras formas de cultura. Apesar de todo seu vanguardismo, a principal preocupação etnopoética foi a respeito de formas clássicas, hieráticas, e tradições plenamente realizadas, frequentemente muito bem preservadas.

A emergência, ao fim do século XX, de uma etnopoética tanto como movimento quanto como campo de estudo acadêmico foi o ápice de projetos surgidos dentro do próprio modernismo. Nesse sentido, a etnopoética é claramente paralela às preocupações etnoestéticas nas artes visuais e performativas e sua muito bem documentada influência no conteúdo e na forma da arte contemporânea, tanto no Ocidente quanto nas culturas do Terceiro Mundo dominadas pelos europeus. Por outro lado, a crescente inquietação da vanguarda ocidental permitiu uma visão contemporânea das formas culturalmente distantes que revelavam tanto aquelas que eram similares a formas ocidentais, quanto outras extraídas de áreas anteriormente despercebidas pelas artes visual e verbal. Os interesses dos poetas — tanto formais quanto ideológicos — foram acompanhados ou originados por pesquisas acadêmicas sobre os contextos e as propriedades linguísticas das obras tradicionais, incluindo a natureza das poéticas orais e as particularidades da tradução de fontes orais. Como muita poesia moderna e pós-moderna, estas investigações envolveram necessariamente um ponto de vista intermediário, que colocava em dúvida as fronteiras dos gêneros. (ETHNOPOETICS, 1993).⁶

A etnopoética — ao contrário de outras correntes estilísticas ou existenciais na poesia contracultural — não se manteve como um mero movimento estético ou um rótulo — verso projetivo, alma *beat* ou *deep image* — para identificar uma escola, um grupo ou um artífice, mas sim tomou logo a forma de uma *ciência maleável*.

Assim se autodefine Jerome Rothenberg:

Minha obra publicada abarca um período de mais de quarenta anos, quase uma centena de livros e uma série de outros escritos e publicações. A maioria destes livros são meus poemários, tanto aqueles em inglês como traduções para outras línguas, incluídos cinco volumes em francês, dois em flamengo/neerlandês e quatro em espanhol. Também tenho estado ativamente envolvido como tradutor e compilador de antologias, que abordei como amplas assemblages de obras provenientes de áreas de

⁶ (n.t.) Tradução direta do verbete original, em inglês.

composição e *performance* que têm sido *frequentemente descuidadas nos círculos acadêmicos, ao mesmo tempo relacionadas a importantes tendências da poesia experimental e inovadora dos últimos dois séculos*. Nestas antologias-assemblages, a princípio apenas usava comentários breves em prosa para salientar pontos críticos sobre os poetas ou obras incluídas; estes, por sua vez, *se transformaram na minha abertura no sentido da construção de uma poética e, na minha própria terminologia, de uma etnopoética* igualmente indispensável, que também persegui através de uma série de ensaios, conversas escritas, entrevistas, e “*pre-faces*”⁷ à obra de outros, e como editor ou co-editor de várias revistas (*Alcheringa, New Wilderness Letter e some/thing*, entre as mais conhecidas). Desde a publicação da minha primeira assemblage, *Technicians of the Sacred* [Técnicos do Sagrado], em 1968, *pensei estes projetos e obras em prosa como em continuum com a poesia; uma tentativa de construir uma imagem da poesia e uma imagem do mundo no qual sempre falarei como um poeta (grifo meu)*(2010)⁸.

Nota-se que Rothenberg concebe o seu labor como complementar aos descuidos dos “círculos acadêmicos” ao mesmo tempo em que o relaciona com “tendências importantes da poesia experimental e inovadora dos últimos dois séculos”; propósito duplo: produzir uma nova representação do real, ao mesmo tempo que uma atualização da representação artística. Sua escrita é ambidestra: procura renovar tanto paradigmas acadêmicos — sem os desprezar — quanto renovar o poético — enfatizando a sua atualização histórica —; esta condição ambidestra corresponde ao modelo emergente da investigação-criação, embora Rothenberg nunca o tenha postulado como tal e não o tenha reconhecido como parte das suas numerosas contribuições.

Esta escrita ambidestra se traduz em um modelo bi-hemisférico, no qual o analítico-racional (o acadêmico) e o poético (o intuitivo-artístico) de algum modo lembram a ideia da divisão do trabalho mental entre o hemisfério esquerdo e o hemisfério direito.

A atual construção do modelo de investigação-criação — novamente, sem ser muito consciente disso — planeja — ou “utopiza” — reconciliação ou sínfise de ambos os hemisférios na união de *episteme e poiesis*.

Como Rothenberg sinaliza, a sua compilação se tornou uma “abertura no sentido da construção de uma poética e, na minha própria terminologia, uma etnopoética”. Se tratarmos o próprio termo *etnopoética* a partir desta ótica, seus dois componentes — para além do seu sentido etimológico ou da definição consciente — poderiam estar apontando para a conjunção do crítico (aludido no prefixo *etno*) e do criativo (claramente referido em *poética*). Por que alego que *etno* pressupõe aquilo que é acadêmico?

⁷ (n.t.) Optamos por usar a paranomásia original, em inglês, de Rothenberg, “*pre-faces*”, espécie de trocadilho entre as traduções ao português “prefácios” e “pré-faces”, mantendo a sua mesma ambiguidade.

⁸ Esta autodefinição me foi provida pelo próprio Rothenberg para inclusão na orelha do *Ojo del testimonio. Escritos selectos [Olho do Testemunho. Escritos selecionados]*.

O termo foi inspirado pela “etnomusicologia”. Rothenberg tomou a ideia de acrescentar este prefixo de outra disciplina acadêmica; com *etno*, ele não visa apenas a contextualização cultural do poético, mas também a sua contextualização epistemológica nas ciências humanas e sociais do pós-guerra. O prefixo *etno* alude tanto às culturas não ocidentais quanto à ciência ocidental.

Se aceitarmos esta tese, a noção de *etnopoética* poderia ser traduzida *epistemologicamente* como “modalidade de produção poética modelada pela análise cultural” e também como “análise cultural modelada pelas tendências da poesia atual”.

A etnopoética constrói interfases entre uma cultura e outra; ao ressaltar sua artificialidade — enfatizando o *significante* translacional, sua anticonvencionalidade e materialidade — pode convidar a compreender que ela nunca é a poética do outro, mas sim a insistência em intervir na própria representação do outro. Etnopoética é a maneira como uma cultura representa uma poética outra; ou como representa a sua própria diferença.

A etnopoética não é a poética-outra; é a tentativa de atualizar e tornar mais complexa culturalmente uma representação; tanto a representação do outro quanto a autorrepresentação. Especificamente, o que a etnopoética busca tornar mais complexo é a representação ou autorrepresentação como *fazedores*⁹. O aspecto explicativo é acompanhado por um catalisador estético — o apelo artístico do signo — em que a representação do outro, por exemplo, assume a forma de um *experimento*: um trabalho inovador que facilita e fascina, populariza, essa nova representação.

Certamente, a etnopoética corre o risco de se assumir ou ser recebida como demonstração de habilidade técnica por parte do agente cultural que a executa, razão pela qual se desenvolve sob os riscos permanentes da superestetização e interação imperialista latente em qualquer tradução; entendamos a tradução como tecnologia da alteridade, e o etnopoeta como técnico da alteridade.

A obra antropológica e tradutória de Dennis Tedlock talvez representasse outro exemplo desta definição de etnopoética: *investigação-poiesis*.

A etnopoética é uma poética descentrada, uma tentativa de ouvir e ler a poesia de outros distantes, fora da tradição ocidental como a conhecemos hoje. Para ter alguma esperança de levar este movimento para fora, devemos deixar de lado qualquer noção de que essas poéticas virão necessariamente de um tempo distante, ou de povos contemporâneos que de alguma forma vivem no passado, ou que necessariamente se assemelharão a Homero, ou que serão menos complexas do que as poé-

⁹ (n.t.) Yépez se refere à designação “fabro”, usada por Dante para designar o “artífice de poesia”, quando se referiu ao poeta Arnaut Daniel (POUND, 1986).

ticas ocidentais ou metropolitanas, ou que tenham sido produzidas de alguma forma de isolamento de outras línguas ou culturas.

A etnopoética não apenas contrasta a poética do «étnico» com a poética comum, mas implica que qualquer poética é sempre uma etnopoética. Nosso principal interesse será a poesia de povos etnicamente distantes de nós, mas é precisamente pelo esforço de galgar distâncias que trazemos aqui nossa própria etnicidade e a poética que vem com esta, a uma maior consciência.

A etnopoética se originou entre poetas com um interesse em antropologia e linguística e entre antropólogos e linguistas interessados em poesia, tal como David Antin, Stanley Diamond, Dell Hymes, Jerome Rothenberg, Gary Snyder, Nathaniel Tarn (E. Michael Mendelson) e eu. A ênfase foi colocada em interpretações (performances) nas quais a voz falada ou cantada molda provérbios, enigmas, maldições, lamentos, louvores, orações, profecias, anúncios públicos e narrativas. (TE-DLOCK, [entre 1970 e 1980]).

A etnopoética não se trata meramente de uma união aritmética de duas perspectivas, no entanto, essa aliança na obra Rothenberg se converte em um movimento pós-acadêmico. Rothenberg parte da academia, mas não se inscreve diretamente nela (inclusive permanece fora da maior parte da discussão da etnopoética antropológica)¹⁰, mas construiu uma esfera de discussão em comum com a antropologia ou com a academia literária norte-americana — e com o passar do tempo, duas décadas depois, assume uma postura explicitamente pós-romântica, ou seja, pós-”criativa”, pós-lírica.

A etnopoética rapidamente se colocou além do acadêmico — insisto: sem passar por cima deste; pelo contrário, se adensando a partir de sua renovação — e mais lentamente o aspecto analítico modificou o modelo da poesia considerada como *expressão* ou *criação*, correspondente ao paradigma romântico no qual a própria obra de Rothenberg despontou (teoria da *Deep Image*).

Uma lição da *etnopoética experimental* de Rothenberg é que a “investigação-criação” não pode ser entendida meramente como uma estratégia para converter à criação artística em uma modalidade de pesquisa (qualitativa), mas sim que, nesta alteração, o aspecto romântico com que segue carregando o estético tanto nas artes visuais quanto nas artes literárias se tornará aos poucos mais fraco, ainda que com maior resistência inclusive que o acadêmico, e terá de passar da sua autodefinição como arte para uma definição pós-estética.

O caso da etnopoética pode ser tomado, então, como um precursor e laboratório preliminar da vontade de formar o modelo da chamada “investigação-criação” e, ao mesmo tempo, a etnopoética sugere que este modelo pode estar mal posicionado em seu

¹⁰ Na representação que Gary H. Gossen faz da etnopoética (2001), Rothenberg não aparece como parte do panorama; como não aparece em outras revisões da etnopoética vista a partir da antropologia.

ponto de partida, nomeadamente ao prosseguir concebendo um dos seus componentes (a “criação”) com lastros românticos.

A etnopoética é uma disciplina *coletiva* e multilateral, cujo catalisador foi um poeta com vivo interesse e conhecimento da antropologia e da arte contemporânea, especialmente do happening (Allan Kaprow) e da performance art em geral e da arte conceitual, cujas influências são notórias no contexto da etnopoética. Por outro lado, o criativo acaba sendo modificado pelo aspecto relacional necessariamente presente no investigativo, de tal forma que a obra “criada” na etnopoética, na verdade, é pós-romântica, não completamente atribuível ao artífice.

Talvez adicionar uma coaparição esclareça este traço da etnopoética. Vamos nos voltar para o trabalho de Ed Sanders. Como Rothenberg, Ed Sanders é um poeta experimental que explicitamente retomou direções abertas pela obra de Olson e Pound e pela geração beat. Sanders se definiu como “poeta, romancista, investigador particular”; inventou em 1976 a “poesia investigativa” (*investigative poetry*):

A meta: uma era de poesia investigativa onde alguém pode ser controverso, radical, e que não permita que civilizações se levantem para derrubar o bardo. Estabelecê-la e mantê-la. OS POETAS DEVEM PERMANECER NA ABSOLUTA RAIZ, NÃO COMPROMETIDA, REVOLUCIONÁRIA, SEDICIOSA.

O poeta como investigador
Intérprete do Palavrório do Céu
Pesquisador do Abismo
Universador Humano
Profeta
Profeta sem morte
como consequência

Minha proposição é esta: que a poesia, para seguir em frente, a meu ver, tem que iniciar uma viagem ao interior da descrição da *realidade histórica*.

No inverno passado, examinei o texto e a história da composição do *The Bridge* [A ponte], de Hart Crane, e fiquei impressionado com a erudição histórica que o poeta empreendeu durante os cinco ou mais anos em que trabalhou em sua composição[...] Além do mais, por 15 anos eu tinha seguido o trabalho e a carreira de Charles Olson, particularmente *Maximus Poems* [Poemas de Maximus][...] e sempre me surpreendeu que Charles, com seu enorme intelecto e energia, fosse capaz de consultar velhos arquivos municipais[...] para transformar essas pesquisas documentais em poesia de alta ordem, usando seus princípios de *composição por campo* conforme enumerados em seu manifesto de verso projetivo, sendo o resultado a poesia como história ou história-poesia[...] E depois há a questão de *Howl* [Uivo]... De fato foi do exame das anedotas dentro do *Howl* que pudemos extrair uma das primeiras

regras da Poesia Investigativa: Não hesite em abrir um arquivo sobre um amigo[...] Acredito que praticamente todo grande poeta francês ou poeta norte-americano dos últimos cem anos preparou a civilização para o renascimento da história poética. *A terra arrasada*, *The Bridge* [A ponte], *Os cantares*, *Paterson de Williams*, *The Maximus Poems* [Os poemas de Maximus], *Ankor Wat*, *Howl* [Uivo] e *Wichita Vortex Sutra*, de Ginsberg, o trabalho de Snyder, digamos, em *Turtle Island* e Jerome Rothenberg em *Poland 1931* [Polônia 1931], todos têm representado uma época de poesia investigativa. (SANDERS, 1979)¹¹.

A poesia investigativa de Sanders parte da apropriação de dados, frases, fatos, linhas de tempo, com os quais ele faz um arquivo diagonal via *collage* e versalidade¹².

A poesia investigativa evidencia que a obra resultante não é uma “criação” no sentido romântico deste termo, mas aquilo a que Haroldo de Campos denominava “transcrição”, ou seja, uma tradução que reinventa o texto. Por “transcrição” não me refiro apenas a uma tradução de uma língua para outra, mas de uma tradução de um código, forma ou estrutura para outros/as.

Em um modelo investigativo (relacional), a “criação” desaparece para dar lugar a outros fenômenos de produção estética ou pós-estética como a “transcrição”, ou seja, uma obra em que um signo se transforma radicalmente em outro sem, contudo, perder a sua correlação entre a passagem de um código de um sistema-língua-estrutura-código para outro; na transcrição, portanto, a ideia de um autor é posta em dúvida, torna-se dinâmica ou desnecessária.

Rothenberg, certamente, desde os anos de 1990, aumentou o seu interesse na noção concreta de “transcrição”. Se formos coerentes com as consequências procedimentais e neoparadigmáticas do desenvolvimento do modelo preliminar de investigação-criação, uma das suas mutações obrigatórias é a *investigação-transcrição*, quer dizer, uma produção poética em que a produção de conhecimento está vinculada a uma transformação da noção tradicional de autor e obra. Na investigação-transcrição, criar conhecimento significa refazer o sujeito e refazer a obra em um contexto de complexidade multicultural, no qual, como no caso da etnopoética, da poesia investigativa ou da transcrição, o trabalho resultante é metade de um *documento* feito de matéria estranha ao sujeito que o *coproduz* e metade de um *documento de difusão* não convencional do conhecimento.

A investigação-transcrição implica a passagem das noções clássico-românticas de autor e obra às de *coprodutor* e de *documento*. Esta passagem — de modo sub-reptício

¹¹ (n.t.) Tradução direta do original, em inglês.

¹² (n.t.) H. Y. usa “versalidad” para definir a qualidade do poema de ser dividido em unidades correspondentes ao verso. Optamos por traduzir a palavra pelo decalque “versalidade”.

— irá lentamente diminuir a natureza estética do documento resultante ou do processo documental contínuo.

É provável que, se seguirmos algum dos caminhos abertos por estas investigações-transcriativas, o estético se torne uma categoria ultrapassada, evidenciada como um vestígio da mentalidade moderna. Se a investigação-criação parece ser uma tábua de salvação (acadêmica) para o artista, na verdade, a longo prazo é uma via dissimulada para a sua afortunada extinção futura.

A noção de investigação-criação é composta em igual medida pela metamorfose do artista e pela resistência a esta alteração radical; é, do mesmo modo, uma porta de entrada para uma nova esfera e, igualmente, uma barricada contra a mudança radical de identidade; uma exposição a uma nova atmosfera global e a uma medida protetora do produtor esteta moderno.

Também, certamente, na sua ala antropológica, uma resistência dos antropólogos em reconhecer que são autores de ficções e poéticas, produtores de relatos, traduções e representações em geral que são artificiais, e dizem mais sobre a cultura que as elabora do que sobre a cultura que supostamente descrevem e analisam. A etnopoética, ao destacar o significante da representação antropológica tradicional — ao evidenciar que toda a etnografia é uma obra de ficção, orientada por categorias mistas como “verossimilhança” e “verificação”, classificação, colonização e ficção-científica —, também. Se a investigação-criação abandona os seus resíduos românticos, o sujeito artístico será diluído dentro e fora da informação.

II

Uma primeira estratégia para entrelaçar investigação e produção artística no trabalho de Rothenberg é a invenção de uma disciplina intermediária entre uma *disciplina de estudo e teoria cultural* (uma ciência social) e uma *disciplina de produção* verbal (uma arte), editorial, bem como arte sonora, visual e *performance*¹³. A etnopoética traduz

¹³ Não nos esqueçamos, por um lado, que Rothenberg produziu a sua teoria e práxis da tradução em relação ao resgate dos elementos puramente sonoros de poéticas indígenas; por outro lado, na definição de Tedlock, o foco da etnopoética gira em torno da *performance*. Nos seus antecedentes vanguardistas, a etnopoética de Rothenberg reconhece como seu precursor a exploração da performance dadaísta do Cabaret Voltaire, que foi imaginado como uma transcrição do tribal. “A poesia antes de tudo vive para as funções da dança, da religião, da música e do trabalho” escreveu Tristan Tzara (1918). Em certo sentido, a etnopoética — ao passar do texto à performance — poderia ser definida como um catalisador para a conversão da literatura para arte contemporânea e, como escrevi anteriormente, da conversão da arte contemporânea para uma disciplina pós-estética.

informação para mais de uma disciplina ou forma de representação artística. Por um momento, concentremo-nos no aspecto escritural.

O que Rothenberg fez, utilizando dois recursos que se tornariam emblemáticos da sua obra: o *comentário* e a *tradução experimental*.

Nas suas antologias etnopoéticas (prática que logo estenderia a outras antologias suas), Rothenberg acrescenta prosas breves que contêm informação útil para o leitor em geral, informação bibliográfica e erudita para o leitor especializado, e também sinais implícitos e informação intrépida para outros produtores estéticos.

Os “comentários” sobre suas traduções são notas que são também ensaios, notas técnicas, citações, bibliografias e até manifestos. (Estes comentários, da mesma forma, têm algo de *collage*, aderindo ao texto alheio em dança dialética mais que em jornada didática)¹⁴. O co-comentário trama a voz crítica com a voz-outra.

Rothenberg republicou alguns destes comentários na sua antologia de prosa *Pre-Faces*, deixando claro que o seu gênero de “comentário” adquire valor ensaístico e literário por direito próprio, para além da sua função de texto explicativo para a tradução de uma obra de outrem.

A tradução (metade acadêmica, metade estética) acompanha uma obra própria construída *a partir do que é outro*. O comentário é um microdispositivo de investigação e poética, tanto uma *heteropoética* como uma *autopoética*; através do comentário, Rothenberg se constrói como um especialista *lúdico* e poeta *investigativo*. Rothenberg fez do comentário — um dispositivo periférico — um gênero central¹⁵.

Não é nenhuma casualidade que a etnopoética é um conceito relevante tanto na poesia como na antropologia norte-americana, decorrendo que importantes antropólogos como Dennis Tedlock ou Dell Hymes, tenham tomado a noção de Rothenberg — além de trabalhar com ele — no seu próprio inovador trabalho acadêmico. A etnopoética se disseminou como termo, paradigma e como tendência estética e/ou científica.

¹⁴ Foi Armand Schwerner, o companheiro de exploração etnopoética de Rothenberg, que utilizaria a ferramenta crítica “comentário” como jogo lúdico, desconstrução, apropriação-apócrifa, *collage* irônica, para os seus textos “alheios”, por exemplo, em *The Tablets* [As tabuletas], onde os comentários do suposto tradutor-erudito (*scholar-translator*) partem de um tradutor-comentarista tradicional (e meticuloso) rumo ao jogo de delírio paródico (literalmente paródia, quer dizer, canto lateral, canto adjunto) em que a obra culmina em antropoficção, etnopoética fictícia.

¹⁵ Se, nas suas antologias etnopoéticas, os comentários eram apresentados no final do volume (e de certa forma constituíram um grande ensaio fragmentado, pois era óbvio que eram mais do que as tradicionais notas finais da escrita acadêmica, estando cheias de novos textos, traduções, informação e teoria atraente), alguns destes comentários posteriormente passaram a ser incluídos em *Pre-Faces* como obras autônomas e já nas últimas antologias de Rothenberg, aquelas dedicadas à poesia moderna e pós-moderna, o comentário está imediatamente depois do poema, compartilha com os poemas o centro do livro.

O comentário é o reverso indispensável do texto etnopoético completo, que não pode ser concebido apenas em relação ao poema-outro — cultural ou autoralmente outro —, mas também em relação ao fato de que o texto etnopoético completo é composto de pelo menos duas partes distintas, do mesmo modo, digamos, que o poema completo de Humberto Ak'abal deve ser concebido como composto do texto maia-quiché e do texto em espanhol; ambas as partes Ak'abal as conforma como unidade, e nem uma nem outra é o poema na íntegra, nem outra a mera tradução de uma suposta versão original. Na etnopoética tanto de Ak'abal quanto de Rothenberg — dois autores que não cruzaram as suas etnopoieses em antologia existente — deixam claro que, entre outras inovações inadvertidas, a etnopoética ataca a noção convencional de texto.

Tanto Ak'abal quanto Rothenberg fazem-no dissimuladamente, talvez sem perceber todas as consequências da sua técnica. A poesia de Ak'abal é geralmente compreendida como um caso de poeta bilíngue ou, na melhor das hipóteses, como uma obra de autotradução, sem compreender que se trata uma obra em que, larvalmente, o texto é sempre cotexto; enquanto que, em Rothenberg, comumente o poema-outro e o comentário são entendidos como separados, ainda que, vistos de perto, sejam então contextos que copertencem um ao outro, e em vista de que desuni-los é dar um passo atrás na neopoética implícita.

Outra técnica investigativo-poética de Rothenberg é a tradução experimental. A fim de não traduzir de modo plano, meramente informativo, Rothenberg trabalha as versões literais ou etnográficas de uma canção indígena com técnicas, por exemplo, concretistas, convertendo-a em um poema pós-moderno, ao mesmo tempo que em uma amostra da etnopoética de outro povo.

Um novo recurso de poética investigativa é o gênero com o qual Rothenberg se identificou: o *prefácio*. Seus “*Pre-Faces*”, a suas antologias, servem de prólogos, bem como se tratam de ensaios que, novamente, podem ser lidos de modo independente e constituem boa parte da ensaística mais importante de Rothenberg; estes prefácios iluminam tanto o material alheio quanto o seu próprio pensamento e obra literária. São prólogos e manifestos simultaneamente; propostas e *artist statement*.

O que caracteriza a poesia indígena e ancestral incluída em *Technicians of the Sacred* [Técnicos do Sagrado]? Não foi traduzida seguindo os paradigmas da lírica tradicional; ao revisar estas edições é evidente que foram aplicados critérios vanguardistas na sua tradução, desde a disposição visual, inclusão de imagens, onomatopeias, repetições, descontinuidades (frequentemente ausentes nas traduções acadêmicas).

Trata-se de traduções que fazem experimentações para serem mais fiéis tanto ao seu contexto cultural (quase sempre ritualístico) e também para servirem de contrapeso à poesia convencional do Ocidente, para mostrar a complexidade da poesia não ocidental.

Rothenberg rapidamente deu um giro no conceito de etnopoética para que deixasse de ser somente um estudo das poéticas não ocidentais para ser um estudo das poéticas em geral, contextualizando cada uma delas culturalmente, desuniversalizando-as. Foi assim que Rothenberg começou a escrever poemários explorando as poéticas da sua própria tradição ancestral judaica, por exemplo, ou polonesa, especificamente. A etnopoética do outro abriu o caminho para a autoetnopoética.

A perspectiva que lhe abriu o trabalho com o antigo e o tribal modificou sua forma de entender a própria poesia moderna europeia e norte-americana. A pesquisa dava novos paradigmas *interpretativos* e *produtivos* ao seu trabalho pessoal. Esta etnopoética, certamente, fez uso da apropriação de informação etnográfica, desde a familiar até à mítica.

Se recapitularmos, a poética investigativa de Rothenberg converteu a etnopoética em um discurso pertinente tanto para a *produção de conhecimento* sobre outras culturas e sobre a sua poética — assim como sobre a própria poética ocidental —, quanto para uma metodologia flexível para a *produção de obras estéticas*; é um modelo explicativo de realidades e uma série de recursos e técnicas para a produção artística.

Com sua atuação como investigador-transcriador, a etnopoética inclusive passou ao texto, à arte sonora e visual, à performance e ao teatro, dando forma ao projeto de investigação-criação mais frutuoso das últimas décadas a nível internacional.

REFERÊNCIAS

Livros de Jerome Rothenberg

ROTHENBERG, Jerome. **A Book of Witness: Spells & Gris-Gris**. Nova Iorque: New directions, 2003.

ROTHENBERG, Jerome. **Ojo de testimonio**. Escritos selectos. 1951-2010. Tradução Heriberto Yépez. Cidade do México: Aldus, 2010.

ROTHENBERG, Jerome. **Ritual: a Book of Primitive Rites and Events**. Nova Iorque: Something else press, 1966.

ROTHENBERG, Jerome. **Symposium of the Whole: A Range of Discourse Toward an Ethno-poetics**. Berkeley: University of California Press, 1983.

ROTHENBERG, Jerome. **Technicians of the Sacred: A Range of Poetries from Africa, America, Asia, Europe and Oceania**, 2 ed. Berkeley: University of California Press, 1985.

ROTHENBERG, Jerome. **That Dada strain**. Nova Iorque: New directions, 1983.

ROTHENBERG, Jerome. **Three friendly warnings**: Songs from the society of mystic animals. Londres: Tetrad Press, 1973.

Referências gerais

CIRLOT, Lourdes. “Experimentos exactos en el ámbito del arte”. In: CIRLOT, Lourdes (Org.). **Primeras vanguardias artísticas**. Textos y documentos. La Plata: Terramar Ediciones, 2007. p. 208-209.

ETHNOPOETICS. In: WARNKE, Frank J.; HARDISON JR., O. B.; MINER, Earl (eds). **The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics**. Princeton: Princeton University Press, 1993. p. 388.

GOSSEN, Gary H. Antropología del Nuevo Mundo y artes verbales amerindias. In: PORTILLA, Miguel León (coord.); ESTÉVEZ, Manuel Gutiérrez; GOSSEN, Gary H. **Motivos de la antropología americanista**. Indagaciones en la diferencia, Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1986.

SANDERS, Ed. **Investigative poetry**. São Francisco: City Lights Books, 1976.

TEDLOCK, Dennis. Ethnopoetics. **Alcheringa magazine**, Boston: Boston University, [entre 1970 e 1980]. Disponível em: <http://media.sas.upenn.edu/jacket2/pdf/reissues/alcheringa/J2_Reissues_Alcheringa_Complete_1970-1980.zip> Acesso em: 7 abr. 2023.

TZARA, Tristan. **A Note on Negro Poetry**. Tradução ao inglês Pierr Joris. Ubu Web. Disponível em: <<https://www.ubu.com/ethno/discourses/tzara.html>>. Acesso em: 7 abr 2023.

